

Descida ao inferno de Dostoienski

São Paulo — "Para todos nós que estávamos lá foi como uma descida ao inferno de Dostoienski, quando a gente ressurgiu, mas sempre diferente. Ou se cai purificado e mais humanizado ou sai destruído, descrente e revoltado". A declaração foi feita ontem por frei Betto, depois de passar cerca de trinta dias ao lado da família Neves — desde a internação no Incor até o enterro em São João Del Rey acompanhando o sofrimento de Tancredo Neves.

Ninguém da família ou nós mesmos saímos descrentes. O Aecinho, por exemplo, saiu muito mais amadurecido. O que mais se dizia no quarto andar do Incor, inclusive, era isso: ninguém sairá igual de tudo isso que estamos passando — lembra frei Betto.

A família Neves ficou sabendo que o presidente Tancredo não passaria daquele 21, às 17 horas, quando a protologista Angelita Gama foi até o quarto andar para avisar sobre a proximidade da morte — foi uma das pessoas que mais ganhou o carinho da família.

— Ela foi muito mais uma mãe que uma médica para todos nós principalmente para a família. Ela soube viver sem o que eu chamo de assepsia profissional — revelou frei Betto.

Segundo ele, o assessor Antônio Britto também saiu ileso de todo o episódio, ao contrário de certos políticos que se aproveitaram do momento histórico para se promover, e que a família apelidou de "pagaios de pirata". Outra coisa que a família Neves não gostava era dos boletins médicos pessimistas.

Frei Betto conhece a família Neves desde o tempo do colégio Marista, em Belo Horizonte, quando frequentou as aulas com Tancredo Augusto, filho de Tancredo Neves. Além disso, as famílias também tinham bom relacionamento. Frei Betto foi ao Incor desde o primeiro dia da internação de Tancredo e foi levado a UTI onde chegou a conversar com o presidente. Ele se lembrou dos pais de frei Betto, e isso o deixou muito emocionado.